

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PROVINCIAS

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE:—Historia dos sete dias; *Marcos Valente*.—Politica e politicos; *Petit-Pitt*.—Funeraes de Victor Hugo; *Emile Courtois*.—Algumas definições; *Dr. Gregorio*.—O Brazil e os brasileiros.—Gazetilha litteraria.—A caveira, poesia; *Alfredo de Souza*.—Cofre das graças; *Bibiano*.—Bellas-Artes; *Alfredo Palheta*.—Soneto a premio.—Questão litteraria.—A coherencia do Zama; *Piff*.—Livros alegres; *Alfinete*.—Theatros.—Mr. Patterson; *L. G. Duque Estrada*.—Ora, um cocheiro!...; *Peff*.—Questão interessante.—Alvares de Azevedo; *B. Taveira Junior*.—Assenção; *A. Mendes*.—Tratos á bola; *D. Pastel*.—Recebemos. — Annuncios.

EXPEDIENTE

Havendo terminado com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandar reformar as suas assignaturas, o aos que so acham em atrazo o favor de mandar saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar de uma bella obra, que se acha no prelo; as que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana—100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a colleção dos seis mezes já publicados pagarão mais 38000. (38500, se for encadernada) Para quem não fôr assignante a colleção custará 18000, encadernada.

Partio no dia 1º do corrente a percorrer as principaes localidades da provincia do Rio de Janeiro o nosso companheiro de trabalho Leonel Guerra, agente e cobrador desta folha. A todas as pessoas que com ella têm relações rogamos o obsequio de recebê-lo benevolmente, podendo com toda a segurança entender-se com elle ácerca de qualquer negocio relativo á Semana.

Pelas amabilidades e favores com que certamente vae ser acolhido e tratado o nosso representante desde já nos confessamos summamente gratos.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Além de pequenas occorrencias e factos minimos, de que, como o pretor, não cura o chronista a não ser o grosso escandalo Betzold—Bustamante, a discussão do art. 1º do projecto Saraiva, as aguas sujas da Camara e os acontecimentos theatraes, —em cuja onda sonora e brilhante alteia-se, dominador, o busto de Duse-Chechi — outros factos de nota não occorram durante a semana.

Ora, dos ultimos trata esta folha em secção especial (Theatros); para as cousas politicas tambem reservou logar á parte, confiando-as ás pennas inimitaveis de dois estadistas, illustremente desconhecidos, mas nem por isso menos conhecidamente illustres: *Ambrosio Severo* e *Petit-Pitt*...

Resta ao chronista, portanto, um só assumpto de valia:—o grosso escandalo Betzold—Bustamante.

Pois falemos d'elle.

No *Jornal* de quinta-feira, 2 do corrente, lêmos todos com doloroso pasmo a transcripção de uma sentença do tribunal do commercio do Sena, (Paris) relativa á reclamação feita pelo Dr. Carlos Bustamante a um Sr. Betzold, no valor de um milhão de francos (300 contos!) para o pagamento de *personagens influentes* da sociedade brasileira!

O effeito de tal noticia foi como o de uma bomba Orsini. Esse facto vinha confirmar de modo excessivamente eloquente o poder immenso da advocacia administrativa neste pobre Brazil, que para desmoralisar-se já não precisava disso; honra lhe seja!

A existencia de tal clausula no contracto Bustamante—Betzold representa uma accusação tremenda á honra dos nossos homens politicos, mas especialmente á dos nossos governos. Como era natural, esse facto ecôou prolongada e escandalosamente na imprensa, no Parlamento e no publico.

No Senado o indefectivel Sr. Correia verberou indignadamente o facto, no que foi secundado com valentia pelo Sr. Paranaguá, ministro dos Estrangeiros; na Camara, o Sr. Gomes de Castro fez outrotanto, censurando, contudo, por illegal, o procedimento do Sr. ministro da Agricultura, que fechou a sua secretaria ao Dr. Bustamante, vedando-lhe qualquer negocio nella.

Tambem nós não podemos approvar o procedimento do nobre ministro:— além de illegal, foi precipitado, apaixonado, mas — sobretudo — inefficaz, inutil.

Que aleanta ao caso semelhante especie de excommunhão?

O Sr. ministro da Agricultura não tem poder para cassar os direitos civis e politicos de ninguem; não pô le, portanto, impeller que o Dr. Bustamante contracte; e agora, não conseguirá desfazer o que está feito. S. Ex. deveria esperar que o accusado se defendesse, que lhe chegassem informações e documentos fide dignos — para então resolver.

Em ninguem mais do que em nós poderá ter causado tristeza e indignação esse facto; mas não achamos justo que se faça do Dr. Bustamante — que nunca vimos, nem conhecemos — o bode expiatorio de um mal terrivel, que elle não inventou; de um delicto que não é d'elle, mas da politicagem podre em que vivemos, da epocha vergonhosissima que atravessamos.

O *excommungado* negou em artigo publicado no *Jornal* de 9 do corrente que houvesse pedido qualquer quantia para pagamento de *influencias*, pois que *nada lhes deu*.

A vista disso, o mais prudente seria esperar com calma que se esclarecesse este embrulhado e vergonhoso negocio, e só depois de feita a luz sobre elle condemnar o culpado ou culpados.

Está na honra do governo chamar aos tribunaes o Dr. Bustamante, para que elle, sob pena de ser condemnado como calumniador, declare *quaes as influencias que comprou, quando, e por quanto*.

A affronta é feita ao Brazil. A interdicção da secretaria da Agricultura ao accusado não lava o Brazil da affronta, porque essa pena não prova que o Dr. Bustamante houvesse *mentido*.

E é isso o que resta provar.

MARCOS VALENTE.

POLITICA E POLITICOS

A entrada de Joaquim Nabuco na Camara, no dia 3 do corrente, quebrou a calma podre que por lá reinava.

O convencido e energico discurso com que o valente abolitionista, naquelle mesmo dia, atacou o gabinete Saraiva e o seu triste projecto, produziu sobre a Camara o effeito de uma violenta descarga hydraulica. Os dignissimos Augustos, adormentados pelas capitosas delicias da paz negociada entre amarellos e rubros pelo illustre chefe conservador dos liberaes, foram subitamente arrancados á somneca legislativa pela voz imperiosa e ousada de Nabuco, que vinha, emfim, dizer ao seu partido e ao presidente do Conselho a meia duzia de verdades, clandestinamente açaimadas pela vergonhosa concordata com os conservadores. E Nabuco não teve papas na lingua. Disse ao Sr. Conselheiro o que é realmente o seu projecto e que

papel S. Ex. está obrigando a fazer com elle o seu partido:—o de coeiro dos escravos de 60 annos.

Um dos pontos mais tempestuosos desse discurso patriótico foi aquelle em que S. Ex. atacou o projecto Saraiva porque elle conservava a escravidão com todos os seus horrores: as mulheres acoutadas, os filhos conservados como escravos até 21 annos, que é justamente a idade em que se formam os caracteres, etc., recebeu do Sr. Felício dos Santos, o republicano-catholico-positivista, este aparte formidavel:

— Isto é sentimentalismo...

O brioso tribuno perdeu a calma deante deste aparte, profundamente perdido, e retrucou ao polyfronte apartista: —se eu, por tratar de cousas tão serias sou *sentimental*, tenho o direito de chamar-o de *cynico*!

Imagina-se facilmente o arruado, a gritalhada que este merecido troco levantou. Não o approvamos como elemento offensivo, mas applaudimol-o como recurso para impedir que se repita essa ineptia malevola de chamar desdenhosamente — *sentimentalismo*! o que ha de mais santo e de mais benefico no coração do homem: — o sentimento da dignidade humana.

A esse notavel discurso respondeu no primeiro dia de sessão... quem?... o Zama; o Zama, que foi um dos signatarios do projecto Dantas e um dos seus mais ferventes defensores; o Zama que durante o gabinete 6 de Junho foi um abolicionista de quatro costulos. Pois senhores, foi esse mesmo Zama que replicou ao digno deputado pelo 5º districto de Pernambuco, em nome do governo. Foi uma resposta infeliz; palavra!

Se o leitor porventura acredita que falamos apaixonadamente, acoimando-nos de *nabucophylo*, queira ouvir e responder a isto: — Como deve ser qualificada a consciencia de um deputado, que se confessa *abolicionista radical*, que declara que a propriedade escrava assenta no roubo e no crime, que o Genesis — vejam: até o Genesis! — condemna a escravidão; e que, logo após, — sem pestanejos, sem engulhos, sem o mais ligeiro *caroco* na sua logica, — defende, apoia, sustenta, endeosa o projecto-Saraiva — que tarifa a escravidão, que exige indemnisação em dinheiro e em serviços de todos os escravos, que restabelece o *capitão do matto*, comminando terríveis penas aos *acoutadores*, e que obriga o liberto, — o proprio liberto! — a ficar escravizado ao solo do domicilio do seu ex-senhor, durante cinco annos?!

Sim; como deve ser qualificada a consciencia desse deputado? Que cotação pode merecer o voto desse legislador? Que respeito deve esperar de seus concidadãos esse abolicionista-escravocrata, esse *Quero, não quero*, esse *Não-Sim*, esse Sinimbu Junior da abolição?

Mas o inqualificavel procedimento de Zama deve ter, por força, uma explicação.

Tem-na, de facto; e é esta: o Sr. Zama antes de ser patriota, antes de ser homem, animal raciocinante, antes de ser coherente e logico, antes de ter convicções, antes de aspirar a qualquer ideal, — é *politico*, é liberal, (*liberal*, meu pobre Laboulaye!) tem amor á sua cadeirinha na Cadeia Velha, aspira ao subsidio e a uma pasta. Mas — e aqui é que são ellas! — mas o projecto Saraiva é um projecto conservador, vasado nos moldes do mais puro conservatorismo (*sic*); foi concebido por obra e graça do Espirito Santo do Macuco e ha de vencer com a protecção do Todo Poderoso Andrade Figueira; papai Saraiva é

conservador — nem elle mesmo o nega, nem o ignora ninguem.

Então — onde está a coherencia politica de Zama? Porque apoia elle — com sacrificio das suas convicções (?) abolicionistas — um projecto anti-abolicionista, se este é conservador e se a cabeça do ministerio, que Zama defende não é liberal de miolo, mas apenas de nome?

Porque? Porque Zama, como a maioria dos seus co-religionarios, sabe perfeitamente que se derrubarem Saraiva, Saraiva chamará os seus amigos e o baralho passará para as mãos de pai Paulino... Por isso, Zama e mais os outros *liberaes*, que não querem ir tão cedo *às ostras*, preferem ir vivendo sem honra e sem gloria, mas com proveito, sob a a misericordia da bandeira vermelha dos adversarios, conservando a sua, a celebre bandeira da «Reforma ou Revolução!» enroladilha e quieta — a sahir do poder com ella desfraldada, ovante, levando intactas e puras as suas convicções, e os intimos desejos dos seus corações de patriotas.

Parodiando Francisco I, depois da derrota de Pavia, os zamas, apos a negociata Saraiva, exclamam:

— Tudo está perdido; menos o subsidio!

E por isso — apoiam Saraiva; porque Saraiva, além de ser o subsidio, é a representação palpavel da possibilidade de uma pasta — no futuro.

Grandes politicos!
Grandiosa politica!

PETIT-PITT.

A folha branca de um album, as mais das vezes, é maculada pelo epitaphio do Espirito.

EÇA DE QUEIROZ.

FUNERAES DE VICTOR HUGO

(EXCERPTO)

Em todos os artigos escriptos sobre os funeraes de V. Hugo houve unanimidade em elogiar a ordem que não foi perturbada e o pesar que sentiram pela ausencia no cortejo do presidente da republica, porque a todos seria agradável poder saudal-o — ou sob o Arco do Triunpho ou nos degraus do *Pantheon*, perto do catafalco do amigo que tivera a intenção de nomeal-o seu primeiro testamenteiro. A unica censura seria que foi feita aos funeraes no seu conjuncto, foi a de falta de recolhimento e a de falta de emoção. Disseram e repetiram que mais pareciam elles uma festa do que um enterro e lamentaram o não poderem ter visto mais tristeza nas physionomias.

« Ah! o enterro de Thiers! » diziam uns. « Lembra-se do de Gambetta? » respondiam outros. E a geração que nos precedeu, fazendo appello ás suas recordações, contava-nos a tristissima cerimonia havida quando voltaram as cinzas de Napoleão I.

E sinceramente esqueciam o quanto eram diferentes as circumstancias que precederam a morte e os funeraes d'estes grandes homens.

Todavia não podia haver lagrimas. De muito já se estava preparado para esta morte que, depois de tão longa e tão penosa agonia, era para o poeta e para seus mais ferventes admiradores quasi que uma felicidade.

Pois não nos deixava elle, para consolo da partida, obras-primas como jámais genio algum produziu e ainda algumas bellas paginas que nos lega como herança?

Porque nos affligiriamos então?

Havia muitos annos que nenhuma das grandes glorias litterarias fallecia em Pariz. Michelet morrêra em Cannes,

Georges Sand em Nohant, Alexandre Dumas nos arredores de Dieppe.

Um feliz concurso de circumstancias, que nunca se deram antes, contribuia a fazer desta manifestação em honra de um poeta, uma harmonia completa. É possivel que, desde Augusto, não se tenha visto funeraes mais grandiosos. O *Pantheon*, com todas as suas commoventes legendas do velho Paris, inscriptas nos seus muros, abria as portas ao auctor de *Notre-Dame*!

Pois a ultima nuvem de melancolia não seria dissipada sob a influencia desse céu puro e limpido, que completava a illusão? Imaginava-se que todos estavam ali reunidos para assistir, em Roma ou em Athenas, a uma das mais magnificentes festas do paganismo. Mas essas emoções interiores, esses gosos artisticos poder-se-ia pedir que fossem sentidos por essa multidão de pobre gente que se agrupava pelos telhados e pelas chaminés, que se equilibrava sobre os ramos dos platanos das avenidas ou dos *boulevards*, ou que se apinhava sobre escadas mal seguras?

Digamol-o sinceramente: quantos haveria que apenas de neme conheciam o poeta e para os quaes os *Chants du crépuscule* e a *Legende des Siècles*, e o proprio *Hernani* e *Ruy-Blas* não passavam de letra morta?

Um tal enthusiasmo platónico é muito para admirar. Era preciso que a corda lyrica fosse bem vibratil para affrontar tantos perigos e supportar tantas fadigas.

Embora alguns incidentes da cerimonia parecessem burlescos e pouco solemnes a uns, de forma alguma nos offenderam elles.

Não viram todos esses barris levados até ás entradas das ruas por onde devia passar o cortejo e que se erguiam á altura necessaria para delles se poder avistar o prestito? esses coretes improvisados com quatro taboas e com risco de colchão e para os quaes se subia por escadas de mão? essas tribunas arranjadas sobre o toldo dos carros de mudanças e todas essas taboas de engommar que se introduziam pelos ultimos degraus das escadas e onde dois espectadores, fazendo contra-pezo, podiam occupar um logar em cada extremidade?

Então porque fazer reparo em todos esses infelizes que, não possuindo uma moeda de vinte ou quarenta soldos para obterem um bom logar e que depois de terem feito prodigios de engenho foram descansar e desalterar-se na taverna proxima? Não creio que fossem vistos mais ebrios nesse dia do que em outro qualquer; até houve menos gritos do que em outras ceremonias do mesmo genero. A propria *Marseillaise*, ao passar do ton maior ao menor, desfilava resoadando menos bellicosamente!

EMILE COURTOIS.

Algumas definições

Palmeira — Na opinião das vassouras é uma arvore; na opinião das arvores é uma vassoura.

Demonio — a nossa mulher.

Anjo — A mulner dos outros.

Nubilidade — A maioridade do amor.

Calvice — A coroa do trabalho; ou a coroação do deboche.

Palidez — O rubor do crime.

Preguiça — A filha da Riqueza e a mãe da Pobreza.

Berço — Um ninho de beijos, um espelho de sorrisos.

Confissão — A barrêla dos peccados.

Continencia — O suicido do desejo.

Definição: *Omnis definitio periculosa.*

DR. GREGORIO.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

No proximo numero comecaremos a publicar uma serie de cartas, escriptas sob aquelle titulo, «por um chinez no Brazil a um brasileiro na China.» São interessantissimas.

Nellas é estudado o nosso paiz por quasi todas as suas faces, ás vezes com algum rigor, mas quasi sempre com inteira desprevenção e muito espirito.

Acreditamos que as cartas de Ylang-Lang serão lidas com interesse.

A coragem é muitas vezes o effeito do medo.

CORNEILLE.

GAZETILHA LITTERARIA

Livros francezes

Eis os mais notaveis, dos innumerados ultimamente publicados em Pariz, segundo os jornaes dessa procedencia, recebidos pelo *Niger*, a 9 do corrente:

HISTORIA

M. A. REYNAERT — *L'histoire de la discipline parlementaire*. Resume as regras e os usos das assembleas constitucionaes dos diversos paizes da Europa e dos Estados-Unidos. (Pelone-Lauriel).

BOULAY DE LA MEURTNE — *L'expédition d'Égypte*. Estuda o papel que nesse acontecimento tiveram Napoleão e o Directorio (Hachette).

GASTON GARRISON — *Le suicide*. Estuda o suicidio no seu desenvolvimento historico atravez dos seculos, do ponto de vista das legislações dos paizes civilizados. Obra importante e curiosa, feita com o auxilio das sciencias philosophicas, economicas e sociaes. (A. Rousseau).

ÉDOUARD MOUTET — *Histoire litteraire des Vaudois du Piémont*. (Fischbacher).

II. DE LYBEL — (Traduzido do allemão por Mlle. Marie Dosquet) — *Histoire de l'Europe pendant la Revolution Française*. Tomo 4º (Félice Alcan).

VIAGENS

CAPITAINE PIETRI — *Les français au Niger*; 1855-1883. (Hachette).

DE FONVIELLE — *Les affamés du pôle Nord*. Trata das commoventes e interessantes peripécias da expedição polar do major Greely, e das torturas hediondas soffridas pela tripolação do *Protea*. Um dos livros mais emocionantes deste genero. Hachette.

VICTOR TISSU — *La Chine*. (Jouvet).

PAULO JOANNE, o editor dos conhecidos *Guides-Journae*, acaba de publicar novos volumes, pertencentes á collecção *Itinéraire général de la France*, e na serie dos *Guides-diamant*, uma nova edição do guia de Pariz e da Anstria-Hungria, Tyrol e Baviera Meridional. (Hachette)

ROMANOS

MARC SONAL — *Sauvage!* (J. Levy).

GASTON D'HAILLY — *Monsieur Gendre*.

II. RABUSSON — *Le roman d'un fatuïste*; e muitos outros; mas não encontramos noticia de nenhum verdadeiramente notavel.

DIVERSOS

A. VESSIOT — *De l'éducation à l'école*. Uma obra de merito, que recommendamos a quantos se entreguem a estudos pedagogicos. (A. Ract & C.)

ANDRÉ THEURIET — *Bastien Lepage*. Uma obra sincera e commovente, em que o distincto romancista estuda o grande pintor, de quem foi amigo. (G. Charpentier).

MME. RATAZZI — *L'aventurière des colonies*; drama escripto ha 17 annos e só agora publicado. Segundo um artigo de Maxime Gaucher na *Revue politique*

et litteraire, é uma grande estopada, sem merecimento artistico. Ha na peça um negreiro que apparece a todo instante, como um *diable de boîte*, sem que se saiba donde, nem como, nem porque; os dois principaes personagens, que no começo do drama são verdadeiros monstros, acabam, com a peça — uns anjos!

Em summa: — um *fiasco* o tal drama da princeza *Bas-Bleu*.

CARLE DE PERRIERES. — *Paris qui joue et Paris qui triche*. Um curioso e divertido estudo do mundo dos jogadores. (C. Levy).

PUBLICAÇÕES ANUNCIADAS

Dentre os muitos romances prometidos destacaremos: *Le Druide* por Gip; *Livadia* por J. Bret; *Dernières œuvres* e *Souvenirs d'enfance*, de Tourguênief, precedidos de um estudo sobre o auctor por Vogué; uma nova edição de *Français de la cadence* e de *La Grande Bohème*, de Rochefort.

O livreiro Plon promette *Une promenade dans le Sahara*, por Ch. Legarde; *Barbou* começa *chez* Marpon et Flammarion a publicação de uma *Vie de V. Hugo*, com muitas gravuras.

Os editores artisticos Baschet et Goupil preparam um estudo sobre *Alphonse de Neuville et son œuvre*, J. Richard, em que se encontrarão, reproduzidos pela photogravura e pela phototypia, muitas das obras do celebre artista.

A livraria Picard está terminando o 2º volume das *Antiquités grecques*, de Schœnman, traduzidos por Oalusk.

A CAVEIRA

(A HENRIQUE DE MAGALHÃES)

Vi-a risonha, secca e abandonada,
Ao pé de alegre e verde trepadeira,
Fôra, talvez, de uma creança amada
Esta pobre caveira!

Quando da carne, em mysterioso enlace,
Cobria os ossos seus o roseo véo,
Beijos de mãe pousaram-lhe na face
Como estrelas no céu!

No emtanto,—morta,—a rir-se em plena vida
Entregne á chuva, ao sol ardente e nêano,
Eil-a, sem cruzatê! Eil-a esquecida...
Triste despojo humano!

Mas tudo é grande. A Natureza, o Acaso,
Não se esquece jámais de cousa alguma;
Fez d'ella um toco e pequenino vaso:
Deu-lhe uma flôr que é branca como a espuma!

1885.

ALFREDO DE SOUZA.

COFRE DAS GRAÇAS

ELLA—Andas a dizer a todo o mundo, infame!
que eu te fiz um favor e que és o meu derricoz!

ELLE — Porém, Madame,
Eu não me gabo disso!

PEFF.

Falava-se de um cidadão um tanto escuro, a quem uma *mofna* irritára muito.

— Oh! o homem ficou branco de cólera!

— Qual! elle não havia de ficar assim tão fôra de si...

Um caixeiro do hotel «Novo Mundo», conversando com o poeta M., reconhecidamente forte em *calembours*, admirava-se do *sans façon* com que um freguez lhe comera um jantar sem pagar a respectiva conta.

— Que quer você? — respondeu-lhe o poeta: *Lu fain justifie les moyens*.

BIBIANO.

BELLAS ARTES

LANGEROCK. — (*Paysagista francez, recém-chegado ao Rio de Janeiro; fez exposição a 22 de Junho, em uma das salas da Academia de Bellas-Artes.*)

Seis encantadores quadros, tocados com muita segurança, executados com rara habilidade de perspectivas—*Jogo de bolos*; e *Uma pescaria no reinado de Luiz XV*; *Payzagem de França* e quatro estudos da natureza do Brazil.

Langeroock é dotado de grande talento artistico. As figurinhas que pintou nos dois primeiros quadros são de uma admiravel delicadeza de toques; animadas, vivas, cheias de graça, ellas dão idéa perfeita daquella existencia elegante e preguiçosa da aristocracia franceza. A *paysagem de França* — o maior dos quadros expostos — é incontestavelmente boa e recommendavel. É um logar vasto e frio, ao cahir da noite; em cima: o grande céu melancolico; nuvens dispersas passam no horisonte; em baixo: na confusão das sombras largas, na duvidade de contornos provocada pela escassa luz que se espalha, pequenas montanhas de cabeços arredondados, tristes arvores esguias, esgalhadas, quasi nêas, e a vegetação rachitica do solo, que vem do fundo, acompanhando as sinuosidades do terreno, margêa, á direita do observador, o escuro lavadouro em que uma mulher esfrega as ultimas peças de roupa.

Nos estudos da natureza brasileira o artista mostra que tem empregado muito trabalho para encontrar a cor local da *paysagem*.

A *paysagem do Brazil* é um escolho para os creditos dos pintores... Eu direi ao artista:—Cuidado, cuida-lo com este maldicto verde que tantas rugas e coleras tem provocado.

De resto, Langeroock veio ao Rio de Janeiro, dizem, para estudar a nossa natureza; e se é verdade isto, podemos esperar por outra exposição.

AURELIO DE FIGUEIREDO. — (*1º de Junho. — Seis pequenos quadros, expostos na Casa De Wilde.*)

Um grande talento em continua actividade é o deste excellente Aurelio. Não descança, nem se queixa. Depois de *Francesca de Rimini* e de *Cecy no banho*, tem feito mais de trinta quadros, e, dia a dia, vai nos convencendo; que de é um dos mais delicados *estylistas* da pintura, no Brazil.

Temos, dos seis quadros expostos, trez fantasias, um de genero e dois estudos de *payzagem*.

Sinceramente, os dois estudos de *payzagem* são bons, de uma grande frescura de impressão, e de uma grande impressão de colorido. Pintados por uma maneira larga, convicta, firme, elles nos apresentam dois aspectos de natureza viçosa, illuminada por uma vasta e alegre luz. Não ha manchas nos primeiros planos, nem minuciosidades de miniaturista;—são feitos methodicamente, á golpes seguros e caprichosos.

E com a mesma facilidade elle pinta um quadro de genero ou um quadro historico. As trez fantasias,—o mesmo modelo, sempre loiro e de vestido cor de rosa,—são delicados ornamentos de *boudoir*, caprichosamente pintados, com uma delicadeza, uma elegancia, uma distincção originaes de desenho. Como é chic aquella graciosa loira que tem um chale chinez enroldado ao corpo, o braço descancado sobre o regaço, o livro esquecido, o olhar luminoso e apaixonado, vadiando pelo espaço! Como é *pschutt* aquella outra loira,

apertadinha no seu vestido de seda cor de rosa, attenta á leitura! Quanta macieza no seu pequenino rosto! Quanta verdade na sua attitude!

► Aurelio tem paixão pela cor e pelo estylo.

Em suas *fantasias* encontram-se sempre panaceamentos e estofos, luxo e riqueza.

Elle possui o esquisito e poderoso sentimento da cor, como os orientalistas.

O quadro de genero que expoz—*Jogo de cartas*—é fraco. Em um gabinete duas senhoras loiras, sempre as loiras! jogam cartas, talvez a *bisca*, em torno de uma mesa redonda. O quadro é frio, monotono, desinteressante.

George Grimm, ha pouco tempo, teve a fraqueza de expor, entre numerosos trabalhos, uma horrivel *Itha... dos Amores*, e agora Aurelio de Figueiredo, ao lado de tão bons quadros, nos apresenta este maldicto—*Jogo de cartas*.

Mas, como é uma *bisca*...

ALFREDO PALHETA.

No seculo actual tudo se faz—juntado.

ALFR. DE VIGNY.

SONETO A PREMIO

A *Semana*, desejando alimentar e desenvolver o pouco notavel movimento do nosso pequeno mundo litterario, abre nesta data um torneio poetico, offerecendo aos numerosos habitantes do nosso Parauzo um assumpto—o mais gracioso e mais bello que se poderia imaginar!—para ser cantado em soneto.

O assumpto é este:—Victor Hugo.

Esgotado o prazo—que abaixo vae declarado—para o recebimento dos sonetos, serão estes submettidos á apreciação de um jury, formado por trez poetas de incontestado valor, cujos nomes serão opportunamente conhecidos. Esse jury decidirá dentre todos os sonetos concurrentes quaes os que devam occupar os logares da triplice classificação de merecimento que fica estabelecida. Somente esses trez sonetos vencedores serão publicados.

Como premios, A *Semana* offerece aos seus auctores:—ao primeiro uma das obras de Victor Hugo, ricamente encadernada; ao segundo outra obra do grande Mestre, edição menos luxuosa; e ao terceiro um exemplar do n. 11 do anno da *Illustração*, o qual é interiramente consagrado a V. Hugo, com soberbas gravuras, entre as quaes um bello retrato do poeta.

O prazo para recebimento dos sonetos correrá de hoje até ao dia 11 de Agosto; e em o numero d'1 *Semana* do dia 15 será publicado o resultado do julgamento e com elle os trez sonetos vencedores.

Ao torneio, poetas!

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Termina com este numero o prazo marcado para esta eleição.

Os votos recebidos sobem ao numero de 458.

Durante esta semana votaram:

EM GONÇALVES DIAS

Da Corte:—Arthur Azevedo, Aluisio Azevedo, Urbano Duarte, Luiz Emygdio de Souza, Manoel Antonio Francisco, Pedro Jose da Silva, Angelo L. J. Vianna, Raphael Vianna, Manoel Gonçalves de Paiva, Franco de Al-

meida Costa, Dionysio de Carvalho, Alfredo Tavares e Candido F. Maranhense.

EM CASTRO ALVES

Da Corte:—J. E. Moreira Alves, Guilhermino F. de Meleiros Filho, Alfredo Americo de Souza Rangel, Dario Cordeiro, Christiano Faria, Antonio Raphael de Araujo Lima, Arthur H. Dutra, Genesio Abreu de Lima, Henrique de Souza, Manoel Bezerra de Carvalho, Armando Dornellas, Arthur de Ayellar, Fernando Alves da Silva, Joaquim Antonio Alves de Brito, João de Souza, A. Gonçalves e V. Dias de Castro.

De Santa Maria Magdalena:—Candido Marianno de Oliveira.

Do Triumpho:—J. Paulino de Souza Lemos.

De Cantagalho:—Alfredo Barbosa de Toledo.

Da Conceição da Estrada Nova:—João Ribeiro de Oliveira.

Do Pará:—Leonilia Braga e Francisco Alves Soares.

De Santos:—Leal Ferreira, Brazilina Barbosa, Carolina Leal Ferreira, Dr. Silverio Fontes, Dr. Arterio, Manoel Augusto Alfaya, R. Soter de Araujo.

EM LUIZ DELFINO

Da Corte:—Valentim Magalhães, Luiz Murat, Alfredo de Souza, Alberto de Oliveira, José Pinto Neves, Ernesto de Souza, Angelo Baptista, Alvaro de Castro, F. Veiga, Antonio de Andrade, Filinto da Silva e Oscar Rosas.

De Pirassununga:—Jeronymo José de Almeida, Hildeonzo Corrêa de Camargo Motta, Venancio de Castro, Pedro Pacheco da Cruz, Joaquim Muciel de Barros.

De S. Gonçalo de Sapucahy:—A. Werneck.

De Niteroy:—Luiz Marianno de Oliveira, Carlos Augusto de Oliveira, Marianna Amelia de Oliveira, Alzira de Oliveira e Bernardina Marianna de Oliveira.

EM PORTO-ALEGRE

Da Corte:—José C. S. Ferrreira e F. de Oliveira e Silva.

EM FAGUNDES VARELLA

Do Pará:—Joaquim Fernandes e Antonio Olavo Rodrigues da Silva.

Da Corte:—Alfredo Vieira.

EM JUNQUEIRA FREIRE

Do Pará:—Marietta Costa.

EM LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Da Corte:—Rivadana Corrêa.

EM MACHADO D'ASSIS

Do Recife:—Alcibíades Furtado.

EM ALBERTO DE OLIVEIRA

Da Corte:—Souza Laurindo.

RESULTADO

Gonçalves Dias	116
Castro Alves	108
Luiz Delfino	74
Casimiro de Abreu	46
Theophilo Dias	14
Fagundes Varella	11
Alvares de Azevedo	10
Porto Alegre	8
Luiz Guimarães Junior	6
Bernardo Guimarães	5
Domingos Magalhães	5
Gonçalves Crespo	4
Mello Moraes Filho	4
José Bonifacio	2
Emilio Zaluar	2
Santa Rita Durão	2
Alberto de Oliveira	2
Gonzaga	2
Pedro Luiz	1
Basilio da Gama	1
Otorico Mendes	1

Laurindo Rebello 1
 Damasceno Vieira 1
 Antonio José 1
 Junqueira Freire 1
 Machado d'Assis 1

Está, pois, encerrado o pleito.

Venceu o nome de GONÇALVES DIAS por 146 votos, com a maioria de 38 votos sobre o seu immediato em votação—Castro Alves.

A *Semana*, que foi juiz sereno e imparcial em todo o escrutinio, cumprirá a promessa que fez, ao abril-o:—o mais breve que for possivel dará á estampa em sua primeira pagina o retrato do insigne poeta maranhense, acompanhado de um excellent artigo critico-biographico.

Sobre esta questão remetteu-nos de Pelotas o Sr. Bernardo Taveira Junior um extenso e bem pensado estudo, em que, depois de apreciar em synthese os 15 seguintes poetas:—Durão, Basilio da Gama, Gregorio de Mattos, Gonzaga, Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, Varella, Tobias Barreto, Castro Alves, e Luiz Delfino,—declara que julga Alvares de Azevedo, o maior dos nossos poetas. Na impossibilidade de dar publicação a esse trabalho em sua integra, fazemolo á parte referente a Alvares de Azevedo, na qual o Sr. Taveira fundamenta o seu voto. Vac publicada em outro logar, sob o titulo—*Alvares de Azevedo*.

A COHERENCIA DO

►ama o projecto Dantas, açodado,
 ►poio, regougando: Ave, Libertas!
 ►mas vem Saraiva, e Zama, enthusiasmo,
 ►poia todas as «questoes abertas»! . . .

PIFF.

LIVROS ALEGRES

« A FORÇA DO DESTINO, romance por Nuno Locio (alguns traços de Olympia. Offerecido ao meu amigo (lá delle) Alfredo Raposo. »

Divertido livrinho. Recomendamol-o aos tristes, aos que soffrem de spleen—esta dyspepsia do espirito, ou de dyspepsia—este spleen do estomago. Confiamos ao proprio Nuno Locio a tarefa de criticar o romance de Locio (Nuno); o que conseguiremos transcrevendo delle alguns pedacinhos, deliciosamente caracteristicos.

Do prologo:

« Olympia.

Em volta da memoria desta mulher, hoje morta, ainda pairam as queixas sentidas de seus amantes. Longas saudades delles pairam que a quem perturbar apodreça e inerte hoje, como fora hontem a bachante cheia de lascivia a chamar com os olhos pelas praças publicas os garotos do aino e os lacaios da moderna sensibilidade. »

« Foi bella, como dizem seus amantes, até atravessar a barca do Charonte da eternidade acompanhada pelos restos bellos de seu corpo de 20 annos, ao que elles com os olhos desmedidamente abertos só contemplaram nelle a rija incarnação que ia ser de pasto novo aos vermes da terra, já exalando de si a pobresinha mãos gazes componentes de sua peregrina natureza humana. . . »

Do romance:

« Formoso typo, filho da escola de Goethe (mas que hoje foi atirada á rua pelos impulsos succulentos de Zola. »

« Em todo o caso o leitor hade me

acompanhar até o cemitério do Cajá.»
Abrenuntio!

Pr'a longe o agouro!

« Quando o ocio é grande a mulher é assumpto para assumpto. »

« Em um dos elegantes theatrinhos Café-Concertos fui á representação de um bello drama — *A Estatua de Carne*; nesse tempo o Cassino gozava das sympathias gozava, e não era extranho, independente da concorrência de espectadores, apreciar a graça das luxuosas estrellas então em voga. »

Em que café-concerto do Rio de Janeiro teria o auctor assistido á *Estatua de Carne*?

Outra originalidade deste romance: não tem capitulos; corre todo de um jacto, apenas cortado, para o fim, por este dizer mysterioso: *Quem era a Onça*. Recommendamos aos amadores do realismo á *outrance* as paginas 25 e 26. Devo á leitura deste livrinho agradabilissimos momentos; por isso recommendo-a.

— « O Bisbilhoteiro Familiar ou o gainato de salão, repertorio de mil e uma perguntas e respostas analogicas, sophisticadas, enigmaticas, satiricas, instructivas, recreativas, apimentadas e jocosas para passatempo das noites de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna e de quaesquer reuniões familiares por A. X. de Assis, com o juizo critico de um habil escriptor. »

O Sr. Assis é o conhecido auctor da *Mala de lembranças* e das *Carapuças*, livrinhos deliciosos, que fazem rir as pedras.

Na especie de prologo intitula-la—*Muita attenção*—, encontra-se entre outras esta quadrinha:

« O seu autor tem lembranças,
Que já encheu uma Mala; (1)
A qual teve o bel-prazer
De em breve tempo esgotal-a. »

Aquelle (1) leva o leitor á seguinte nota, no fim da pagina: « Ainda se acham alguns exemplares á venda. »

É boa, não é?!

Agora, algumas perguntinhas, para amostra do *Bisbilhoteiro*:

« Qual é o comer que vae para o lugar do mesmo nome? »

« Resposta: Tripas, que petisqueira! »
« Costou, ein? amiguinho leitor? Pois quem gosta come mais. »

« Qual é o jornal critico, scientifico e litterario, que se compõe de sete dias? »

« Resposta: *A Semana*; assignem que é boa! »

Desta agora gostamos nós.
Obrigado, seu Assis, obrigado!

Mais outra:
« Qual a cidade da Europa que anda esta mulher? »

« Resposta: Anda-Luzia, Hespanha. »
Esta nem ao diabo lembrava!

E então esta outra!:
« Qual é o animal que se apanha com cuspo? »

« Resposta: Pulga, principalmente as mulheres. »
Schoking!

Agora uma pergunta historica:
« Qual a guerra do Brazil que foi feita com trapos? »

« Resposta: A guerra dos *Farrapos*, Rio Grande. »

E, para terminar, uma philosophica, spenceriana:

« O que é que os moços estão a principiar e os velhos a terminar? »

« Resposta:—A vida, a maior parte dos moços morrem cedo. » Puro Sylvio Roméro!

Ah! leitor, o *Bisbilhoteiro* é um thezouro preciosississimo; uma fabrica de gargalhadas...

E, demais, barato como o mel coado, a

dez réis. Compre o *Bisbilhoteiro* e diganos depois se o enganámos.

« ONDAS TARDIAS, por E. R. Silva, dedicado aos meus amigos. (lá delle.)
Outro livrinho impagavel, inestimavel, unico, sublime! Versos melhores do que estes já temos visto; peiores tambem; mas tão bons, palavra! — nunca vimos!

Abre com esta quadrinha em francez (é bom avisar que é francez), naturalmente tambem da lavra do auctor:

« Je ne suis pas poète
Mais j'aime en verité
Vertus, fleurs, fêtes,
Patrie et Liberté. »

Rompem assim as *Ondas tardias*:
« São ondas tardias, tardias aquellas
Qu'a praia areenta vem lenta beijar,
Ao sopro da brisa trasendo parcelas,
Meus versos amigos—amor e meu lar. »
E depois:

« Meus cantos singellos assim são parcelas
Occultos gemidos magoados de dores,
São labios feridos de meigas donzellas
Sangrando s'espinham—ao beijar as flores. »

Todas as poesias deste pequeno volume são preciosas; difficilmente resistimos ao prurido de transcrevel-os todos. Mas onde o Sr. Silva é inimitavel é nas miniaturas, em ligeiros versinhos. Um exemplo:

« Aprender, ler, estudar, saber,
Não é admiração alguma,
Alma intelligente a tua
Sem cultivar, tudo entender. »

Outro:

« Os bimanos sinceros
Simpathicos, luzidos,
Dotados de alma,
Trabalhos, prestigios
Virtude e palma
Dos bons pensamentos
De brilhos, bondades
Que ufana amisade
Sent odio e vaidade,
Eu tenho saudades!... »

Terminaremos esta rapida noticia dando na integra o grandioso soneto philosophico, intitulado *Morrer*, espantosa paraphrase do celebre monologo de Hamleto: *Dovmir, sonhar...*

Eil-o:

« A MORTE

A morte somno profundo,
Vaga quebrada a plaga
Agua sumida apaga
As tristas maguas no mundo!

Nascer, sonhar, gozar, viver,
Anjos, virgens, briza, jardins,
Amor, lyrios, rozas, jasmims,
Quanto porvir finda no morrer!

Morrem miseros lavradores,
Morrem os povos lá da serra!
Morrem amigos, morrem amores,

Morrem arvores, morrem flores,
Os pobros loucos trovadores,
Tudo morre sobre a terra!.....

Por estas poucas amostras pôdo-se facilmente calcular o valor deste pequeno mas delicioso livrinho, que só podemos comparar ao das *Curiosidades* do Sr. Lucio Ramalho.

Por hoje basta. Tambem as bellezas cansam, tambem o sublime aborrece. Descansemos...

ALFINEIE

A primeira metade da vida passa-se a desejar a segunda; a segunda a chorar a primeira.

ALPH. KARR.

THEATROS

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA

As noites de representação no Imperial Theatro S. Pedro de Alcantara contam-se por triumphos. Cada peça representada pela companhia Rossi-Duse-Checchi é uma festa artistica, uma nova gloria para os artistas, um novo deslumbramento para o publico. Infelizmente, este, não obstante os unanimes elogios da imprensa, tem sido escasso e não tem recompensado o valor e os esforços da excellente companhia que nos honra actualmente com a sua visita. Em nosso numero passado procurámos descobrir a causa deste afastamento do publico, sem que o conseguissemos. Não serve de justificação o representarem esses magnificos artistas em italiano, pois que aos espectaculos de outras companhias, representando nessa mesma lingua, tem concorrido o publico; dissemos. E accrescentaremos hoje esta outra razão, aventada por um abalizado critico:—para entender Duse, Ando, Rossi, Aleotti, Masi e Checchi não é preciso saber o italiano, tão natural e tão perfeito é o seu trabalho. Emfim: sua alma, sua palma. O publico não vae ver Duse-Checchi, Ando e os seus dignos companheiros: peor para o publico!

Appreciaremos rapidamente as peças representadas durante a semana por esta notavel companhia.

ODETTE

Esta peça, que até a noite de 4 do corrente era inteiramente desconhecida do nosso publico, é uma das mais bem feitas e das mais famosas do grande Sardou; mas não das mais valiosas e solidas como *Idéa*, como obra litteraria.

Em *Odette* Sardou afastou-se de si proprio, para se approximar de Dumas filho:—lançou these, philosophou, discutio, argumentou; e, como ás vezes acontece aquelle seu glorioso emulo, não concluiu nada.

Um nobre fidalgo honrado e digno é enganado por sua mulher; agarra o homem que o deshonra na occasião em que elle vae penetrar nos aposentos da conlessa; desafia-o; expulsa de casa a adúltera, depois de haver feito retirar para a casa de uma irman a filhinha do casal. A conlessa descarrilha de vez e, como as notas de banco e por causa dellas—passa de mão em mão, descendo sempre. O conde é ferido gravemente no duello, mas salva-se. Divorcia-se. A filha cresce, faz-se moça, encontra noivo a quem ama e por quem é amada; mas o casamento é impossivel porque a respeitavel mãe do noivo se oppõe ao consorcio, escrupulizando em que seu filho desposse uma menina, cuja mãe é uma *coquette*. O nome do conde, nome que a mulher arrasta na lama é um impedilho ao casamento. Como removel-o, se a lei não obriga a adúltera, divorciada, a abandonar o nome do marido, que não soube honrar? Eis a these. *Odette* recusa abandonar o nome da condessa de Clermont-Latour; a mãe do noivo da innocente menina oppõe-se ao casamento emquanto durar aquella recusa... Uma collisão de mil diabos! collisão que Sardou resolve, fazendo a condessa suicidar-se, depois de uma longa entrevista desta com a filha, que ignorava tudo, acreditando, como lhe dizia o pae, que sua mãe pederera affogada, deixando-a com trez annos de idade.

Eis o esqueleto da peça. É *ficellosa*, inverosimil, convencional como quasi todas as peças de Sardou; porém mais do que muitas dellas. Forma admiravel, fundo... falso.

O desempenho foi soberbo, superior a

todo elogio. Encanta-lora a harmonia afina lissima do conjunto.

Poucas vezes temos assistido a representações tão eguaes, tão completas.

Duse-Chechchi concluzio-se como era de esperar. A grande scena com a filha foi assombrosa; como foi feita disseram-no os delirantes applausos que nella recebeu a grande artista, melhor do que poderíamos dizer, Rossi fez muito bem a parte do conde, aparte o geito academico, emphatico e antigo que lhe imprimio, e a cabeça com que se apresentou:—uma cabeça realmente infeliz.

Ando,—a quem pertencia o papel de conde, mas que o passou a Rossi, pelo fallecimento de Diotti, a quem cabia o d'elle, Rossi,—foi adoravel de correccão e naturalidade. Masi disse todo o seu difficil papel com graça extrema e admiravel dicção; as Sras. Aleotti e Zangheri—perfeitamente,

Emfim:—não houve nenhum artista de quem não tenhamos de dizer bem.

Terminando, um pedido ao Cavalheiro Chiacchi:—Faça representar mais outra vez a *Odette*. Tão boas cousas não se dão sómente uma vez.

FERNANDA

Esta peça de Sardou, muito conhecida do nosso publico, foi um dos maiores successos da companhia italiana.

Duse-Chechchi foi extraordinaria no papel de Clotilde. E' um dos seus mais notaveis trabalhos, e veio poderosamente confirmar o seu credito de grande artista dramatica, que, especialmente na *Denise*, já revelara. E' admiravel a maneira porque o temperamento artistico da Sra. Duse se adapta aos papeis mais antagonicos. Quem vio Fedora, Dionysia, Cypriana, e vê agora Clotilde, não pode deixar de considerar a Sra. Duse uma actriz de enorme merecimento, a actriz mais completa que tem vindo ao Brazil; actriz que não tem papeis nem tem genero, e que tão admiravelmente desenha as linhas severas do grande drama como as subtilezas e o gracioso contorno da alta comedia.

Clotilde é no seu todo um trabalho estupendo, que nos dispensa de citar scenas ou situações.

Ando accentuou ainda na *Fernanda* as suas grandes qualidades de artista, justificando mais uma vez a reputação que adquiriu entre nós porque o seu nome não nos veio precedido das costumadas *réclames*.

Masi, que á ultima hora tomou o papel de Pomero, sahio-se galhardamente; e todos os outros artistas revelaram nesta peça o cuidado mais escrupuloso na afinação e na harmonia geral do conjunto.

Assistir á representação de peças magistraes, como as de Dumas e Sardou, por artistas como os desta companhia, é um dos mais deliciosos prazeres que possa desejar um homem de gosto e de espirito educado.

Ao que parece, no emtanto, a julgar pelas vasantes do «S. Pedro», não abunda entre nós essa rara especie de homens.

Pois é pena... para o Ciacchi!

Effectuou-se no theatro S. Pedro de Alcantara no dia 5 d'este mez o beneficio da *Estudiantina Figaro*.

O programma foi escolhidissimo e divinamente executado. A walsa *Não me esqueças* e a marcha *Tannhauser* receberam muitos applausos.

A pedido do publico que atafalhava as *torrinhas*, a *Estudiantina* tocou a co-nhecidissima polka *Boa noite*.

Muitos bouquets foram lançados ao palco; além d'isso, a *Estudiantina* recebeu uma rica coroa de louros com espigões de oiro.

O nosso *high-life* lá esteve presente e com elle a Família Imperial.

Parabens á *Estudiantina* pela sua bellissima festa de despedida.

E volte breve, sim?

«NO SEIO DA MORTE»

E' definitivamente no dia 14, terça-feira, no Recreio Dramatico, a *première* desta sumptuosa peça em verso, de Echegaray, traducção de Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida.

Vae em beneficio do actor Dias Braga.

As mulheres vêm com os hombros, com o rosto, com os cabellos; emfim, com tudo.

BALZAC.

MR. PATTERSON

O verão declinava.

Theresopolis, tristonha como uma aldeia abandonada, ia, pouco e pouco, despovoando-se.

Ainda nos ipés via-se uma ou outra flor amarella. As manhãs eram frias e ennevoadas. A' noite, na sala do *Hotel*, os raros hospedes que por ali restavam, faziam um pouco de palestra, tocavam ao piano duas ou tres *romanzas* francezas, e, ás dez, numa invariabilidade doentia, todos se recolhiam aos quartos.

Ficaram no *Hotel*—a familia Camara Leite, o velho conselheiro Leite, a sua Exma. esposa, e uma menina de 20 annos, morena, alta, grandes olhos negros, e cabellos cor de ébano; Mr. Patterson, o grande, o esplendido *Lord Patterson*, como o chamavam, e eu.

Eramos, ao todo cinco pessoas, cada qual mais enfastiada e prompta a fazer as malas.

Mr. Patterson passara a estação calmosa, agulhado por uma terrivel excentricidade, a solemne antipathia que lhe provocava a melancolia de Miss Judith Leite, a morena. E, nervoso, desesperado, sacudindo a cabeça, num gesto de colera, exclamava, ao ver Miss Judith, isolada a um canto da sala, recostada á cadeira, a cabeça adormecida, os olhos immoveis:—*Oh! Schocking!*

E retirava-se para o interior do hotel, a gritar: *Servant? I wish beer!*

Patterson,—alto, magro, com um bello pur de suissas finas e louras, bigode e queixo cuidadosamente rapados,—tinha na sua gravidade, na sua posição, nos seus gestos, uma imponente superioridade de educação. Era moço, trinta e tantos annos; sympathico e fidalgo, a não ser quando Miss Judith seismava.

Nunca pudemos surprehender em Mr. Patterson um collarinho sem lustro, uma gravata mal collocada, um pouco de poeira nas unhas. Direito e correcto, affavel e bom, sorria a todos, mostrando-se sempre companheiro dedicado e *touriste* de supremo gosto.

Uma mania, pequena, perdoada por aquelles que entendiam a lingua de Shakspeare, accentuava a sua excentricidade: Gustavo de recitar, ao piano, trechos do *Manfredo*, de Lord Byron.

Era esplendido nessas occasiões. Em pé, no meio da sala, o olhar azul cheio de enthusiasmo britannico, os cabellos louros, anelados no alto da testa, elle começava, com um gesto vigoroso:

*Glorious orb! the idol
Of early nature and the vigorous race...*

Ao terminar, batiamos palmas, gri-

tavamos: Bravo bravo, muito bem! e *Lord Patterson* assentava-se orgulhoso, exaltando o genio poetico do auctor de *D. Juan*.

Miss Judith Leite era quem o acompanhava ao piano. E, enquanto o admirador de Byron dizia os versos, o seu doce olhar negro descancava, como uma caricia, sobre a figura d'elle.

Em um dos nossos passeios pela longa estrada que atravessa Theresopolis, Miss Judith teve o caprichoso desejo de fazer um ramillete de flores agrestes. *Lord Patterson* ajudou-a a colher as flores. Era elle quem se embrenhava pelo matto para apanhar os ramos das lianas; quem se abaixava á margem da estrada para arrancar os botões das trapoeirabas.

Estavamos em uma tarde de Dezembro. O sol, perdido por traz dos montes, deixava o céu empallidecido e vasto. Apenas, ao longe, havia uma cor avermelhada, triste como as derradeiras gotas do sangue de um morto. No matto—profundo socégo. O ar estava sereno.

A voz maviosa de um sabiá suspirava por entre a folhagem verde-escuro.

Miss Judith sorria á bondade de Patterson, e, quando este lhe trouxe a ultima flor, estendeu-lhe a mãosinha macia e disse:—*thank-you!*

O inglez agradeceu, e, num movimento que julgou despercebido, levou aos labios a mão que apertára a da moça. Veio para o meu lado e travou-me do braço, dizendo baixo, confidencialmente:

—Vio? Ella está mudando. Já sorrio!

E, mais baixo ainda, com os labios chegados ao pavilhão da minha orelha:

—E' linda! Que soberbos dentes!... E' linda!

No dia seguinte, depois do almoço, Patterson veio fumar ao meu lado, na varanda.

—Uff! exclamou elle. Estava illudido, meu presado amigo, estava inconscientemente illudido.

Miss Judith continúa a ser melancolica. E' pena. Se fosse alegre seria adoravel!

Não pude calar a desconfiança, confirmada na vespera pelo beijo que o inglez dera na sua propria mão, sobre o seu amor pela moça; e nessa franqueza, nessa irreverente intimidade que caracteriza o brasileiro, falei:

—Desconfio muito, meu amigo, que Miss Judith esteja dominando o seu coração.

Elle empallideceu, mas com a voz lenta, as palavras precisas, respondeu-me:

—Não nego. Gosto e gosto muito de Miss. Judith. Acho-a bonita. Seria capaz de amar essa creatura, se, nesse instante, tivesse prova authentica de que a sua tristeza é passageira, e o resto de um sonho que se esvae.

—E assim deve crer, Mr. —Obrigado. Mil vezes obrigado. Reconheço na sua confirmação a bondade e a delicadesa, que o distinguem.

Inclinei-me; Patterson fez um gesto attencioso com a cabeça e continuou:

—Tudo me leva a crer que esta creatura é uma doente grave, ou tem gravado em seu fragil coração o stigma de um desgosto profundo, que jámais se extinguirá. Odeio as doentes e abomino os desgostos inolvidaveis.

Nesse momento Miss Judith cortou a conversa do inglez, passando por nossa frente. Ia de chapéo de palha e luvas de fio da Escossia. Vestia uma fazenda branca, muito enfeitada de rendas, e um grande laço de quatro pontas, de fita cor de rosa, calia da cinta sobre a

frente do vestido. Estava encantadora. Depois de alguns passos voltou-se para o lugar em que estávamos.

— Não nos acompanham? É uma excursão pequenina que vamos fazer ao rio. Lord Patterson não pôde ficar.

Levântamo-nos. O olhar de Miss Judith fixava-se, tenazmente, no olhar do inglez. Fomos à *excursão*, apesar do sol. Em meio do caninho, no movimento que a moça fez para retirar do bolso o lenço, cahio-lhe um pequeno papel. Ninguém o percebera. Apanhei-o; ia entregal-o à Miss, mas uma incivil curiosidade reteve-me o dever. Era uma carta dirigida a uma prima. Corri os olhos sobre ella, sem attenler ás primeiras linhas. De repente, pasmei.

— Judith Camara Leite, a morena e encantadora pensativa, que passava o verão em Theresopolis, escrevia á sua prima estas phrases: «Sabes? Aconteceu na minha vida uma excentricidade. Estou apaixonada por um inglez — Mr. William Patterson, que está com-nosco no Hotel. É exquisito isto, minha prima. Adoro esse inglez; e dia a dia mais entresteco por ver que nunca poderei ser sua esposa!»

Guardei cautelosamente a carta. No Hotel, chamei Patterson e disse-lhe: — Vou lhe confessar um crime. É horrível, mas conto com o seu segredo.

Patterson abriu os olhos, admirativamente, e murmurou:

— O meu segredo?... E porquê?

— Digo-lhe, continuei. Pratiquei um crime de lesa-civilidade, e este crime vem trazer ao seu coração um mundo de esperanças. Aqui está; leia isto. É uma carta que Miss Judith deixou cair, no passeio d'esta manhã, e a qual foi por mim infamemente subtrahida.

O inglez, ao ler a carta, lançou-se nos meus braços, cobrindo-me as faces de beijos. Mas, retomando a sua gravidade, murmurou lentamente:

— Será verdade que essa tristeza?..

Estávamos, por esse tempo, cinco pessoas no Hotel. Iamos abandonar Theresopolis. Patterson arrumava as malas e a familia Camara Leite falava em voltar á Corte.

Em uma manhã, na vespera da minha partida, o inglez entrou pelo meu quarto, com um modo brusco, que destoava da sua habitual delicadeza.

— Tudo feito — exclamava elle, radiante — tudo feito! Vou pedil-a em casamento. Ah! meu amigo, esta manhã eu a vi rir admiravelmente. Oh! não imagina, é um encanto! E sabe o que ella fez de mais extraordinario, de mais sublime! Adivinhe. Vamos, adivinhe. Imagine o que poderá uma Miss fazer de mais engraçado e extravagante.

— Apontou-lhe um revolver.

— Engana-se. Fez melhor. Vamos, force a sua imaginação. Diga, diga francamente o que pensa.

— Não sei, não posso adivinhar. O que foi?

— Ah!... *very phantastic!*... *very phantastic!* — exclamava elle, alegre, doudo, a bater com as mãos sobre os meus hombros.

— Mas... afinal, o que foi?

— Rasgou uma pagina do *Manfredo* para fazer papelotes!

— Admiravel! disse eu.

L. GONZAGA DUQUE ESTRADA.

Lê-se este annuncio numa folha ingleza:

« Uma moça irlandeza
Quer seu filhinho desmamam e quer
Outra criança ter. »

ORA, UM COCHEIRO!...

Uma joven duqueza, que, orgulhosa, fazia alarde de nobreza, pillhada um dia foi nos braços de um cocheiro.

O duque, seu marido, irado censurou-lhe a perflida conducta, e adultera chamou-a!

A duqueza, porém, sem dar-lhe muito ouvido, com gesto sobranceiro, lhe responde: — « É' lioa!

Tu te zangas? Estás doido por certo! Escuta! abaixa um pouco a voz...

Bem sabes que... (e fez-lhe um momo) feiteceiro! Pr'a gente como nós nunca é gente um cocheiro!

PEF

No fundo do inglez está sempre o banqueiro; no amago do caracter italiano está o musico ou o bandido; o francez mais circumspecto tem dentro de si um Gavroche incubado; n'um allemão qualquer descobre-se sempre parte da materia prima de que se compoem a philosophia chronica e a bebedeira metaphysica... ou vice-versa; abram um paulista e hão de verificar que a essencia de sua indole é mais ou menos a do antigo bandeirante, aventureiro e animoso; no bahiano mais sizuelo e grave lobrigar-se hão de vez em quando certos gestos begeiros e phrases suspeitas que fazem lembrar o capadocio chorando ao violão, junto ao *cangote* da mulatinha de carão no pescoço. O maranhense genuino é por força um grammatico, todo scio de ff e rr, bem como o filho de Minas Geraes mais illustre e mais civilizado comporta infallivelmente nos recessos da sua individualidade um pouquinho da alma do tropeiro de Sorocaba, *comedô* de feijão preto com *tócinho*.

O portuguez tem alguma cousa de vendeiro na massa do sangue, como o polaco de gatuno, o húngaro de *caften*, o russo de cossaco, o peruano de padre, o rio-grandense de gaúcho, o gallego de potro chucro, e o hespanhol de estudante de Salamanca, mais ou menos *oorero* e sufficientemente mentiroso.

URBANO DUARTE.

QUESTÃO INTERESSANTE

A Redacção d' *A Semana* propõe aos seus amáveis leitores a seguinte dupla questão, que lhe parece curiosa, e cuja solução é de incontestavel importancia:

« Tem o marido o direito de abrir as cartas dirigidas á mulher?

Tem a mulher o direito de abrir as cartas dirigidas ao marido? »

É' inutil explicar que o verbo *abrir* significa, nos casos propostos, não sómente o acto da abertura das cartas, como tambem, e principalmente, o da leitura do seu conteúdo.

Publicaremos as respostas sensatas e serias, — mas, sobretudo, curtas, — que nos forem remettidas.

ALVARES DE AZEVEDO

Esta prodigiosa individualidade, que desapareceu d'entre os vivos antes de completar a sua 21ª primavera, é para mim um poeta excepcional.

Poeta as de veras, era um espirito avido de novos horizontes, ardente de inspiração, fecundo em produções como ainda jamais o foi aqui algum poeta

em tão curta idade; lia soffregos as principaes litteraturas da Europa e, estudand-as, extrahia d'ellas as mais preciosas gemmas poeticas. Ainda até quando imitava sabia imprimir em suas adaptações o bem accentuado cunho de sua individualidade artistica.

Se tão cedo não se atufasse nas trevas do tumulo, ousou affirmar que occuparia nos estadios da litteratura brasileira o lugar que Victor Hugo occupa na litteratura franceza. Criança como ainda era, elle, nos trez volumes em que se lhe inventariaram as suas produções, attesta já uma somma de conhecimentos de que talvez se não possa ufanar muito poeta maduro e pretencioso da actualidade.

Alvares de Azevedo fez escola; mas, por infelicidade, os discipulos d'essa criança-águia não eram da força do mestre; o resultado foi uma imitação servil e falsa, um poeta sem inspiração e, por consequencia, sem individualidade alguma nem litteraria nem artistica.

O que é certo é que não está nas forças de chatas mediocridades o imitar os grandes poetas.

Assim, atravez de todas as phases da escola romantica entre nos, Alvares de Azevedo, máu grado todos os seus descuidos, defeitos e incorrecções, é, segundo o meu juizo, pela somma de predicados com que o dotára a Natureza, o mais *inspirado*, o mais *fecundo* e o mais *original* dos poetas brasileiros.

Alvares de Azevedo, vivo, seria na actualidade uma d'essas glorias de que muito se orgulhára qualquer das cultas litteraturas do mundo. Possuia em elevado grão o dom de descortinar sempre em suas obras largos horizontes.

Não ignoro que Alvares de Azevedo impregnou-se por vezes de excessivo sentimentalismo, e que as suas descricções e incertezas exorbitavam do natural, mormente em um poeta cuja existencia, segundo creio, nao fora espelhada por esses infortunios que podem levar um moço a maldizer das cousas do mundo.

Não ignoro tão pouco que elle conversou muito com Byron, Musset e outros do mesmo sentir. Mas do poeta electrizado pelos delirios da romantica, já debilitada, quando introduzida no Brazil, que mais sazonados fructos esperar-se, se não os de uma arvore não indigena do paiz, mas de uma arvore transplantada já em sua decadencia?

Além d'isso, Alvares de Azevedo teve a deslita de viver em um meio litterario pauperrimo; e, ainda assim, o seu poeta soube despertar grande entusiasmo na mocidade e inspiral-a á producção de obras do algum merecimento.

Exigir d'elles principios novos e a tal decantada originalidade, quando a nossa litteratura febricitava em ebriedade romantica, fora exigir quasi o impossivel.

Cumpre-me advertir que aprecio Alvares de Azevedo no romantismo que lhe foi contemporaneo, e não nessa outra phase em que a mania era imitar desastrosamente a Victor Hugo — o mais prodigioso romantico do seculo!

Se pelos escriptos e inspiração d'elles é possivel aferir-se a mais ou menos bem fadada organização de uma individualidade para a poesia, não será difficil sustentar que ainda até hoje não coube a nenhum poeta do Brazil, como ao meu preferido poeta, uma organização mais poderosa para a poesia.

O seu espirito que, por indole, se retemperava progressivamente a cada nova intuição, era infatigavel e heroico na conquista dos primores da idéa, apto não só para acompanhar as eve-

luções do pensamento, como também para amplial-as e enriquecel-as.
Eis o que penso e em que me fundo para proclamar a Alvares de Azevedo — o primeiro poeta brasileiro.

BERNARDO TAVEIRA JUNIOR.

Pelotas, 20 de Maio de 1885.

ASCENÇÃO

A ALFREDO DE SOUZA

Aguias, ao vasto espaço, em pleno sol ardente,
Ascendendo, ascendendo, as azas estendidas,
Douradas, reluzindo esplendorosamente,
Encolhidos os pés, as cabeças erguidas;

Não sei para onde vão, em bando reunidas.
— E não as vejo mais, a ver o céu somente;
Somente o espaço a ver e, de negro vestidas,
As montanhas ao longe, inesperadamente!

Em que canto do azul se occultariam ellas?
Bellezas que eu amei, angelicas donzellas,
Que então brilharam muito e muito se elevaram,

Que tanto contemplei outr'ora, fulgurando,
Seguindo sempre após seu luminoso bando,
Como as aguias não sei que destino levaram.

ARTHUR MENDES.

TRATOS Á BOLA

As surpresas que como premios haviamos promettido aos *barras* que mettessem o dente nas *tratices*, do nosso numero 26, pertencem: a primeira ao Sr. *Ruy Barbo*, a segunda a *D. Chiquita*.

Eis as decifrações:

Das antigas—*Apollo e Somno*; do logogrifho—*Cobra*; do enigma alphabetico—*Itapanhoacanga*; do logripgho normando—*Paquetá*; das antepostas—*Cebolla e Perú* e da calimburbuesca—*Arcano*.

Para hoje damos os seguintes *tratos*: Em primeiro logar esta novidade:

PROVERBIOS-ENYGMAS

E' este o nome de um novo meio de passar o tempo, dando *tratos á bola*. Devemol-o também ao inextogavel talento inventivo de Frei Antonio, nosso prestantissimo collaborador.

Expliquemol-o, exemplificando.

Aqui vac um proverbio enyigma:

(2) (1-2) (2)

« Distante—deste sentido—affastado

(3)

—desta viscera. Olvido. »

Os algarismos sobrepostos ás palavras indicam o numero de syllabas das palavras a adivinhar; e a ultima é o conceito. A decifração é sempre um proverbio conhecido.

Eis a do exemplo, sobrepondo ás palavras dadas as da decifração.

Longe da vista longe
Distante—deste sentido—affastado—
do coração
desta viscera.

« Longe da vista, longe do coração. »
Nada mais simples nem mais interessante.

Proval-o—ão os senhores adivinhadores decifrando os dois seguintes, que são facillimos:

I

(3) (2)
Quadrupede—que não se aquieta—
(1) (2)
deseja—este metal. Comichões.

II

(2) (2) (2) (2)
Abastança—alegria—pobresa—senso.
Parvoice.

ANTIGA

Na matta sou do verde vegetal,
Sou daquillo que abriga o pensamento—2
Quando impellida sou pelo bocal
Do musico instrumento—1

O pensamento abrigo,
O' bom leitor amigo,
E muita vez abrigo mesmo o mal.

NOVISSIMA

1—1—2—Está na mentira, na ratoeira
e na bocca, este martyr.

2—1—Não bota esta parte do corpo
no sapateiro.

DECAPITADA

Não sente? Está batendo—

E de que santo é?—

O bicho está comendo—

E' muito má, olé!—

Com que, você já está—

Do corpo, um «m» ao pé—

A letra qual será?

CALIMBURGUESCAS

Qual o canto ecclesiastico mais singello?

O que é que mais confunde o mentiroso e o roceiro?

PREMIOS

Ao primeiro decifrador um exemplar dos *Quatro Poemas*, de Luiz Murat; ao segundo uma sorpresa deliciosa.

E... a *revederce*, carissimos decifradores.

D. PASTEL.

RECEBEMOS

— Do Sr. Henri Nicoud («Au Petit Journal»): «Revue Politique e Litteraire» n. 24, publicada em Paris a 13 do mez passado; «Le Salon de la mode», n. 25 (20 de Junho); «La mode illustrée», n. 25 (21 de Junho); interessantes como sempre, e, como sempre, distribuidos aqui com a maxima presteza.

— Da directoria do Club Athletico, Fluminense um cartáo de convite para a sua grande festa inaugural, que se realizará, com a assistencia de SS. MM. e AA. Imperiaes, amanhã, ao meio-dia. Lá estaremos.

— Da directoria do Club Emancipador Visconde de Caravellas,—um cartáo de convite para o beneficio que hoje terá logar, graciosamente offerecido pelo corpo scenico da Sociedade União Dramatica Familiar da Gavea.

— «Revista de Engenharia», anno VII; n. 116.

— «Jornal das Crianças», anno II, n. 1. Interessantes desenhos coloridos e boas gravuras. Preenche gentilmente os fins a que se destina.

— Do Sr. E. Carlos Pereira «Um brado de alarma; O unico advogado dos peccadores», dois pqueños volumes, impressos em S. Paulo.

— «A Força do Destino», romance por Nuno Locio.

— Do edictor Ernesto de Nogueirol, os fasciculos n. 11 e 12 da «Bibliotheca Domestica.»

— «Revista da Escola de Marinha», n. 12.

— Do Sr. José de Mello: «Diogo Watt» e o fasciculo n. 20 do «Cadastro da Policia».

— «Revista de Guimarães» vol. II, publicação da Sociedade Martins Sarmiento.

— Trez vidros de «Tónico de rosas com glicerina», composição higienica para a cabeça, preparada na Imperial pharmacia de Pedro Julio Alvares Jardim, e á venda em todas as pharmacias. Tem agradável perfume e parece preencher os fins a que é destinado.

— «Dracema», valsa por D. Francisca do Parobó Chamin.

— «Dados estatísticos do estado sanitario e serviços concernentes á salubridade publica do Rio de Janeiro», por Favilla Nunes. Trabalho utilissimo.

— Do Sr. Dr. Campos Salles,—um folheto contendo o discurso que S. Ex. pronunciou na sessão de 11 de Junho de 1885, na Assembléa Geral.

— O primeiro numero do hebdomadario «Le Sud Americain».

Este novo collega apparece como orgão dos interesses francezes na America do Sul. E' seu redactor em chefe o Sr. L. Xavier

de Ricard e administrador gerente o Sr. A. Georges Lardy.

Saudando o apparecimento do «Le Sud Americain», desejamos-lhe mil prosperidades.

— «União Medica», fasciculo 7. Trata dos interesses scientificos, moraes e profissionaes da classe medica.

— «Guia» para a analyse chimica qualificativa dos corpos organicos pelo Dr. G. Stadel, vertida para o portuguez pelo Sr. Roberto Lutz.

— «Cadastro da Policia», fasciculo n. 21.

— «O homem de quatrocentos annos», Fasciculo n. 1.

— «Revista Maritima Brasileira», n. 11.

— «O Mequetrefe» n. 379, com bons desenhos e um texto variadissimo.

— «Revista Illustrada» n. 43. Boas caricaturas. A pagina intitulada «croquis theatraes» representa a distincta actriz Duse-Checchi e o não menos distincto actor André thuriburados pela imprensa e applaudidos pelo publico.

Egualmente boas as paginas dedicadas ao Sr. Saraiva, o ministro—fazendeiro.

Quanto ao texto:— como sempre, variado.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez.—Professor Rodolpho Porciuncula. Redações nesta folha.

Dr. Henrique de Sa — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

A SEMANA 100 RS.!

TANGO DELICIOSO

COMPOSTO E OFFERECIDO

POR

ERNESTO DE SOUZA

conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1 \$000

COLLEGIO NEVES

Instrucção Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições higienicas.

Recebe internos, externos e meio pensionistas.

Leccionam habeis e zelosos professores.

DIRECTOR

Dr. Amaro Ferreira das Neves Armoud

EXTERNATO HEWITT

INSTRUCCÃO SECUNDARIA

E

COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

VENDEM-SE

collecções d'A Semana (primeiro semestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio da

A SEMANA